

SIMPÓSIO AT004

ESPAÇOS MENTAIS E INTERSUBJETIVIDADE NOS USOS DO CONECTOR 'MAS' EM MEDIAÇÃO

VELOZO, Naira
UERJ

naira_velozo@yahoo.com.br

BERNARDO, Sandra
UERJ

sandrabernardo61@gmail.com

Resumo: análise qualitativa de ocorrências da construção 'mas(cláusula)' em uma sessão de mediação familiar, com vistas a apresentar uma proposta de descrição baseada no modelo de Rede de Espaços Comunicativos Básicos (RECB) (FERRARI; SWEETSER, 2012) e no conceito de intersubjetividade (LANGACKER, 1990; VERHAGEN, 2005). O *corpus* segue os procedimentos da Análise da Conversa Etnometodológica e, como ferramenta teórico-metodológica, adota-se a proposta de divisão tripartida da argumentação (SCHIFFRIN, 1987). Os resultados da análise indicam que o conector 'mas' sinaliza mudança de foco e contrariedade em todos os níveis da RECB (epistêmico, metatextual, metalinguístico e no nível dos atos de fala) e que os usos da construção 'mas(cláusula)' visam à coordenação cognitiva de estados mentais e intencionais dos conceptualizadores, a fim de sustentar ou refutar uma tese; gerenciar o tópico argumentativo; ou ajustar o foco de atenção dos interlocutores para o mesmo enquadre.

Palavras-chave: 'Mas(cláusula); Espaços Mentais; Intersubjetividade; Argumentação; Mediação familiar.

Abstract: qualitative analysis of construction 'mas(clause)' occurrences in a family mediation session, in order to present a proposal for a description based in the Basic Communicative Spaces Network (BCSN) (FERRARI; SWEETSER, 2012) and in the concept of intersubjectivity (LANGACKER, 1990; VERHAGEN, 2005). The *corpus* follows the procedures of the Ethnomethodological Conversation Analysis and, as a theoretical-methodological tool, the proposal of tripartite division of argumentation is adopted (SCHIFFRIN, 1987). The results of the analysis indicate that the 'mas' connector signals a change of focus and contrariety at all levels of the BCSN (epistemic, metatextual, metalinguistic and speech level) and that the uses of construction 'mas(clause)' aim at to the cognitive coordination of mental and intentional states of the conceptualizers, in order to substantiate or refute a thesis; manage the argumentative topic; or adjust the attention focus of the callers to the same frame.

Keywords: 'Mas(clause); Mental Spaces; Intersubjectivity; Argumentation; Family mediation.

Introdução

Objetiva-se descrever, qualitativamente, os usos de 'mas(cláusula)' em uma sessão de mediação familiar com base no modelo de Rede de Espaços

Comunicativos Básicos (FERRARI; SWEETSER, 2012) e no conceito de (inter)subjetividade (FERRARI, 2016; VERHAGEN, 2005; LANGACKER, 1990). Na análise, considera-se a proposta de divisão tripartida da argumentação (SCHIFFRIN, 1987) em (i) **posição**, comprometimento com uma asserção, reivindicando-se a verdade da proposição e apresentando-se valores morais e crenças; (ii) **disputa**, expressão de oposições acerca do conteúdo proposicional, da orientação argumentativa e de implicações morais ou pessoais; e (iii) **sustentação**, indução de um participante a apontar uma conclusão sobre a credibilidade da posição.

Na primeira seção, retomam-se postulados da Teoria dos Espaços Mentais; na segunda, apresenta-se a análise e a descrição propostas; por fim, apontam-se as considerações finais.

1. Espaços mentais e (inter)subjetividade

Espaços mentais são domínios cognitivos que atuam na memória de trabalho e comportam elementos e relações que podem ser projetados para novos espaços. Segundo o modelo clássico da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1997), o espaço que ancora o discurso na situação comunicativa é denominado **base**. Contudo, durante o discurso, qualquer espaço pode ser base para o processo cognitivo, funcionando como o **ponto de vista** (PV) de onde se constrói o espaço **foco** (F). Os focos discursivos se deslocam a partir da ativação de novos espaços em rede, e a base permanece acessível em qualquer etapa do processamento.

Ferrari e Sweetser (2012) propõem uma reconfiguração desse modelo a fim de distinguir a representação dos espaços criados pelo conteúdo comunicado da representação daqueles ativados em função do ato interacional. Esse novo modelo, conhecido como Rede de Espaços Comunicativos Básicos (RECB), assume que a interpretação referencial dos espaços de conteúdo ocorre a partir da ativação do *Ground*, que inclui (i) um espaço base ou real – falante e ouvinte(s) no aqui e agora do discurso; (ii) espaços epistêmicos do falante e dos ouvintes, que compreendem crenças e estados/processos mentais dos conceptualizadores; (iii) um espaço de ato de fala, que envolve ações por meio da linguagem, como declarações ou perguntas; (iv) um espaço metalinguístico, composto de formas linguísticas potencialmente

compartilhadas; e (v) um espaço metatextual, que abarca a estrutura e o histórico da interação. No modelo de RECB, PV e F perpassam os espaços de conteúdo, e as construções linguísticas perfilam um ou mais espaços do *Ground*.

Assumindo o conceito de subjetividade de Langacker (1990), Ferrari e Sweetser (2012) apontam que o significado é subjetivo quando a referência principal de uma construção não destaca elementos do espaço real, embora esse permaneça subfocalizado para que a referência seja identificada. Dessa forma, construções são mais objetivas quando perfilam, explicitamente, o espaço real e mais subjetivas quando focalizam outros espaços do *Ground*. Ferrari (2016), recuperando a proposta de Verhagen (2005), destaca que “os sujeitos da conceptualização se engajam em coordenação cognitiva com relação a um objeto da conceptualização por meio da produção linguística” (FERRARI, 2016, p. 75). Assim, os conceptualizadores precisam observar conjuntamente um objeto da conceptualização, criando, a partir de conhecimentos compartilhados, um *Ground* verificável intersubjetivamente.

A seguir, apresenta-se a proposta de descrição dos usos de ‘mas(cláusula)’.

2. Usos de ‘mas(cláusula)’ à luz do modelo de RECB

Analisa-se excertos de uma sessão de mediação, ocorrida no ano de 2007 na Vara de Família do Fórum de uma cidade do Rio de Janeiro, na qual se contemplava a possibilidade de um pai encontrar seus filhos mais frequentemente, não apenas a cada quinze dias. A gravação da sessão foi transcrita de acordo com procedimentos e convenções de transcrição da Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003[1974]) e integra o projeto de pesquisa “Contextos de intervenção de terceiras partes em situação de conflito” (projeto SHA-APQ 2129, FAPEMIG). Para identificar os participantes, utilizam-se os pseudônimos: Sônia (mediadora); Amir (requerente); Flávia (requerida); Vitor e Íris (filhos de Amir e Flávia, que são divorciados). A análise partirá da transcrição dos excertos.

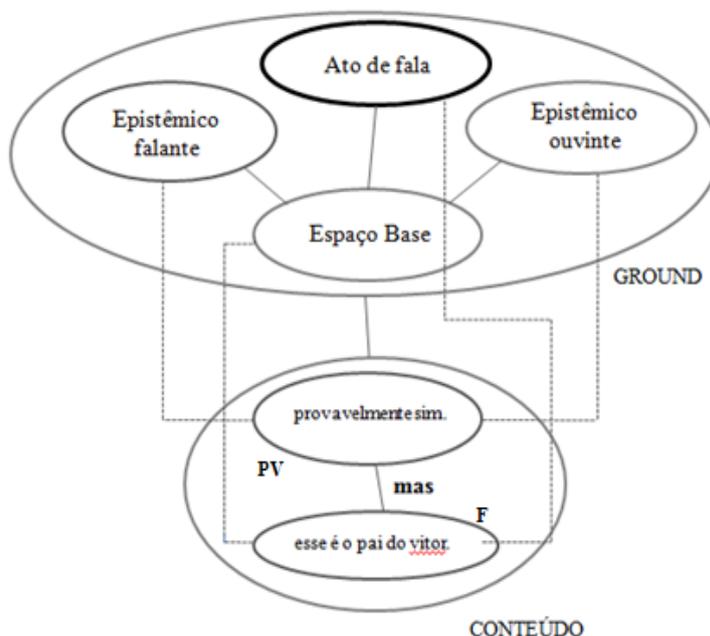
Excerto 1 – 2 página/ 14 linha

- (1) Sônia: realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso exatamente, desse dessa embotamento, né. Dessa tristeza,=

- (2) Flávia: =e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é que fica.
 (3) Sônia: provavelmente sim. **mas** esse é o pai do vitor.

No turno (1), Sônia reafirma o quadro de síndrome do pânico e depressão do requerente. Flávia, no turno (2), constrói um espaço de pergunta, que ativa dois espaços pressuposicionalmente, um em que a doença de Amir afeta Vitor e outro em que não. O espaço de pergunta atua como base para a construção do espaço de possibilidade (PV) cujo gatilho é ‘provavelmente’, no qual o posicionamento de Sônia é compatível com a pressuposição de que o estado de saúde de Amir afeta Vitor. A mediadora, no entanto, quebra a expectativa de concordância com a tese de Flávia de que o pai não deve passar mais tempo com os filhos, ao abrir um espaço por meio do ‘mas’ (F), no qual a paternidade de Amir funciona como argumento biológico. Na Figura 1, representa-se a conceptualização do turno de fala (3). Nela, o espaço F destaca o espaço base através do uso de ‘esse’, cujo referente é Amir, e põe em proeminência o espaço de ato de fala, pois a segunda cláusula funciona como argumento contrário à tese de Flávia. A contrariedade, portanto, é construída no nível do ato de fala.

Figura 1 – Uso de ‘mas(cláusula)’ na construção da contrariedade no nível dos atos de fala



Fonte: autoras

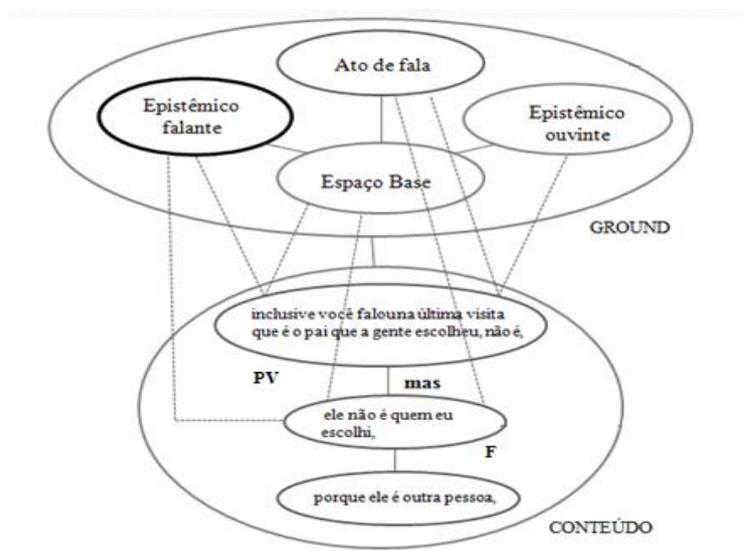
As linhas tracejadas apontam os espaços do *Ground* perfilados pelos espaços de conteúdo; as elipses maiores indicam a divisão entre o domínio do conteúdo e o *Ground*; as menores, os espaços constitutivos do *Ground* e os espaços de conteúdo; e a elipse em negrito aponta o espaço em proeminência.

Excerto 2 – 2 página/ 16 linha

(1) Flávia: é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. **Mas** ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu.

Flávia busca diminuir a força do argumento biológico contrastando um espaço de conteúdo narrativo (PV), em que a escolha de Amir como pai é atribuída a ela, a um espaço de asserção (F), em que Amir não possui as características morais condizentes com o papel de pai. Ao negar que ‘Amir’ seja o valor escolhido para o papel de pai, Flávia tenta manipular o estado mental de Sônia a favor de sua tese. Na Figura (2), esquematiza-se a conceptualização do excerto. Nela, o F perfila a base por meio do gatilho ‘ele’ (Amir); o espaço de ato de fala, devido à asserção; e o espaço epistêmico do falante, de modo proeminente, pois a sustentação da tese da medianda baseia-se em uma crença. Assim, a contrariedade é construída em nível epistêmico.

Figura 2 – Uso de ‘mas(cláusula)’ na construção da contrariedade em nível epistêmico



Fonte: autoras

Excerto 3 – 6 página/ 13 linha

- (1) Flávia: o::lha na perícia uma pessoa que tava lá dentro viu você sendo
segurado pelo braço com teu pai pra fazer a perícia, o teu pai teve que te ajudar
a sentar, eu quero saber se isso é uma encenação pra perícia ou se você [fica
assim. **mas** é isso que eu quero sabe:::::r
- (2) Amir: [não vou ficar discutindo. eu na-, eu não to em questionamento

No turno (1), Flávia constrói um espaço narrativo em que retoma o evento da perícia médica, em que Amir poderia ter sido considerado apto a voltar ao trabalho. Em seguida, constrói um espaço de pergunta que pressupõe as respostas *Amir perde o controle dos movimentos* ou *Amir se beneficia da própria doença*, as quais serviriam de argumento para a alegação de que Amir não é psicologicamente ou moralmente o mesmo pai. Assim, no turno (5), o mediando ativa um espaço de asserção (PV) que funciona como uma estratégia evasiva para redirecionar o encaminhamento discursivo. Flávia se opõe a essa tentativa por meio do espaço aberto pelo conector ‘mas’ (F), que visa à manutenção do tópico. Na Figura (3), representa-se a conceptualização dessa etapa da interação. Nela, o F perfila a base, por meio do gatilho “eu” (Flávia); o espaço de ato de fala, devido à cláusula ser uma asserção; e, de forma proeminente, o espaço metatextual.

Figura 3 – Uso de ‘mas(cláusula)’ na construção da contrariedade em nível metatextual



Fonte: autoras

Excerto 4 – 9 página/ 14 linha

- (1) Sônia: que igreja que é seu amir.
- (2) Amir: é na:: moça da palmeiras, na::: subindo a morada da lua
- (3) Sônia: **mas** é o que. Evangélica

No excerto, Amir responde à pergunta de Sônia informando a localização da igreja, enquanto a mediadora pretendia descobrir a doutrina religiosa. Dessa forma, tomando como PV o espaço de asserção construído a partir do turno de fala (2), Sônia ativa um espaço de pergunta (F), por meio do turno (3), que visa a coordenar a atenção dos participantes para determinado enquadre de 'igreja'. Assim, a contrariedade é construída em nível metalinguístico, pois a forma 'igreja' é trazida à consciência para negociação de sentido. Na Figura (4), esquematiza-se a conceptualização dos turnos (2) e (3). Nela, o F perfila o espaço de ato de fala, devido à pergunta; e o espaço metalinguístico, de modo mais saliente, uma vez que é nesse nível que a contrariedade é construída.

Figura 4 – Uso de 'mas(cláusula)' na construção da contrariedade em nível metalinguístico



Fonte: autoras

Considerações finais

A análise evidencia que o conector ‘mas’ sinaliza mudança de foco e contrariedade em qualquer nível subjetivo da RECB, possibilitando a atenção conjunta dos participantes para um objeto de conceptualização comum; e indica que a construção ‘mas(cláusula)’ atua no gerenciamento (i) da argumentação, quando a contrariedade é construída no nível do ato de fala ou epistêmico; (ii) de tópicos conversacionais, quando a contrariedade é construída em nível metatextual; e (iii) do enquadre cognitivo, quando construída em nível metalinguístico. Dessa forma, nota-se que os usos do conector são subjetivos, por não perfilarem, de forma proeminente, o espaço base e intersubjetivos, por promoverem a coordenação cognitiva dos estados mentais e intencionais dos participantes da interação a fim de sustentar ou refutar uma tese; retomar ou invalidar um encaminhamento argumentativo; ou ajustar o foco de atenção dos interlocutores para o mesmo enquadre.

Referências

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, L. Subjetividade e intersubjetividade na gramática cognitiva. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. 1. ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016. p. 64-83.

FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (Eds.). *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 47-68.

LANGACKER, R. *Subjectification*. *Cognitive Linguistics* 1, p. 5-38, 1990.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Language*, v. 50, n. 4, 1974, p. 696-735.

SCHIFFRIN, Deborah. Background: what is discourse. In: *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 1-30.

VERHAGEN, A. *Constructions of intersubjectivity*. *Discourse, Syntax and Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2005.